

RELACIONAMENTOS AMOROSOS E CIÚME NA ADOLESCÊNCIA: AS CONCEPÇÕES DE ALUNAS DO ENSINO MÉDIO

Carolina de Fátima Guimarães¹; Luciana Aparecida Siqueira Silva²; Fernanda Bonfim de Oliveira³

*Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí¹²³; carolina.guimaraes@ifgoiano.edu.br¹;
luciana.silva@ifgoiano.edu.br²; fernanda.oliveira@ifgoiano.edu.br³*

Resumo: A adolescência é marcada por uma fase de crise, em que os sujeitos, diante da insuficiência das referências da infância, são convocados a buscar novas relações sociais com o intuito de construir sua identidade. Assim, os relacionamentos amorosos são entendidos como laços sociais importantes nesta fase do desenvolvimento. Os namoros atuais apresentam regras bastante flexíveis e pode deixar o sujeito inseguro, surgindo os ciúmes. Ainda, essas relações devem ser analisadas na adolescência, pois se trata de sujeitos com sentimentos bastante intensos. Assim, esse estudo teve o objetivo de analisar as concepções que um grupo de estudantes do ensino médio acerca dos relacionamentos amorosos e ciúmes. Utilizou-se a pesquisa-ação e análise do discurso. Os dados foram coletados durante dois encontros de um grupo realizado, realizado num Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, com o intuito de discutir questões sobre o corpo e sexualidade. Os temas sobre relacionamentos amorosos e ciúmes surgiram ao longo dos encontros e foram sugeridos pelas próprias participantes. Os resultados apontaram que as estudantes entendem que as relações sufocantes devem ser evitadas, pois tem como consequência o isolamento social. Ainda, ao falarem de ciúmes, apontaram que o mesmo acontece por conta do medo de ficar sozinha. Parte do grupo acredita que a dor da perda é muito intensa e por isso as diversas reações frente ao término do namoro são justificadas. Verifica-se que é relevante discutir essas concepções, pois é a partir da exposição das ideias que o adolescente pode reconstruir conceitos que tornam base para relacionamentos mais saudáveis.

Palavras-chave: relacionamentos amorosos, ciúme, adolescência; ensino médio.

Introdução

A adolescência pode ser compreendida como uma fase do desenvolvimento com características bastante peculiares. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, este último está inserido na faixa etária que vai dos 12 aos 18 anos (BRASIL, 1990). Entretanto, existem determinações que estão além da ordem cronológica, pois o adolescer está relacionado também a eventos puberais que ocorrem em diferentes idades de acordo com cada indivíduo e envolvem mudanças físicas, psíquicas, comportamentais e sociais (STEVENS, 2004).

Há ainda a ideia da adolescência como uma verdadeira zona de passagem. Freda (1996) afirma que nessa fase os sujeitos se preparam para a vida

ativa, principalmente devido as transformações biológicas que os tornam prontos para a procriação e a necessidade de desenvolvimento de uma identidade que depende do contexto em que estão inseridos. Para Stevens (2004) trata-se de um tempo de desconexão entre o ser criança e o ser homem/mulher.

Ainda com vistas a conceituar a adolescência, a psicanálise aponta que tal período diz respeito a uma construção social e psíquica. O adolescente vivencia a insuficiência dos referenciais infantis ao mesmo tempo que sofre a pressão de um imperativo da inscrição no social. Frente a este contexto, o sujeito é convidado a lidar com a difícil passagem do cenário familiar para o social (RUFFINO, 1995).

É devido a essa passagem sofrida que a adolescência é definida também como uma etapa de crise. De acordo com Aberastury e Knobel (1981) essa ideia de crise é considerada normal e tem como principal causa justamente da saída dos pais de uma posição ideal para o sujeito, fazendo com que o adolescente encontre meios e novas referências para construir sua própria identidade.

Numa perspectiva Freudiana, a adolescência é momento de encontro do sujeito com o desejo sexual, passando do autoerotismo (característico das crianças) para a busca de um objeto sexual. Freud ainda aponta que a escolha amorosa é, na puberdade, renovada, pois os objetos da infância precisam ser atualizados, sendo o afeto dos pais responsáveis por direcionar as novas escolhas de objetos de amor (FREUD, 1905/1996; FREUD, 1917/1996).

Nessa perspectiva, percebe-se que os adolescentes enfrentam as exigências de se representar no laço social, agora sem as referências dos pais e da infância, e de se posicionar na escolha amorosa diante da partilha dos sexos. Com esses desafios, o sujeito muitas vezes encontra nas relações afetivas, como por exemplo o namoro e suas variáveis, o espaço para responder a tais demandas da adolescência.

Segundo Chaves (2010) o modo como os adolescentes experienciam o sentimento amoroso é variável, tendo como base o histórico e as expectativas de cada sujeito. Se no século XX havia regras e uma vigilância quanto aos relacionamentos afetivos, na atualidade parece que o campo amoroso é permeado de pluralidade, em que as normas não são tão claras e rígidas como antes. Nessa época, o namoro era entendido, obrigatoriamente, como um período preparatório para o casamento. Hoje, não é possível estabelecer uma forma única de namoro que possa se estender a todos os casais (CHAVES, 2006).

Com as regras mais flexíveis, os sujeitos podem ser os reguladores dos seus próprios relacionamentos. Desse modo, as relações amorosas se tornaram mais soltas e com finalidades em si mesmas. Cabe, na atualidade, ao casal decidir as regras do par afetivo, sua estrutura e objetivos, definindo o que pode e o que não pode (CHAVES, 2008).

Dessa forma, o sujeito adolescente, com a tarefa de se deslocar do ambiente familiar em direção ao social, por meio dos relacionamentos afetivos se depara, na atualidade, com uma transição mais delicada. Isto ocorre uma vez que as regras para as práticas amorosas são variáveis e inconsistentes, cabendo ao jovem a elaboração e decisão de legisla-las. Vale ressaltar que não significa afirmar que nas atuais relações amorosas tudo é permitido, mas que neste campo, sob certas condições, tudo é cambiante e possível.

Nessa flexibilização das normas afetivas, o sujeito é atingido pelo sentimento de insegurança, uma vez que os vínculos amorosos se apresentam frágeis, levando a um desejo ambíguo de ao mesmo tempo querer apertar os laços e afrouxá-los (CHAVES, 2016). Surge então o ciúme, um sentimento que se faz presente em todas as relações de casais, mas que segundo Santos e Melo (2013) e Martin, Sanches e Gonzales (2006) deve ser melhor observado na adolescência, por se tratar de um período em que os sentimentos são mais intensos.

O ciúme é um dos sentimentos mais comuns e existe em diferentes relações interpessoais, dentre elas as práticas amorosas. Segundo Marazziti et al (2003) o ciúme pode ser definido como medo frente a ameaça de perda de uma relação para um rival. Ainda nesse sentido, Freud (FREUD, 1922/1996) diz que se trata de um sentimento de pesar e sofrimento em reação a possibilidade de perder o objeto amado, somado a ferida narcísica e de rivalidade a um sujeito que coloca em risco a relação amorosa.

Na adolescência, o ciúme romântico, aquele direcionado a um(a) parceiro(a) amoroso(a), quando experienciado poderá, segundo Martin, Sanches e Gonzales (2006), alcançar altos níveis, mas ser compreendido pelos jovens como algo normal e inerente às relações e até mesmo como uma admirável demonstração de amor. Esse tipo de interpretação pode levar os adolescentes a aceitar comportamentos de controle e um envolvimento em relacionamentos abusivos. Ainda de acordo com os autores, é na adolescência que os sujeitos aceitam com maior facilidade relações permeadas pela violência.

Essa aceitação do ciúme e das relações abusivas por parte dos adolescentes, pode ser

explicada pela idealização do amor presente nesta fase do desenvolvimento. O amor romântico é entendido como algo que direcionará o sucesso futuro e por isso os caminhos para alcançá-lo é entendido como obstáculos vencidos pelo amor (NASCIMENTO & CORDEIRO, 2008). Vale destacar que as práticas amorosas dos jovens tendem a consolidar-se ao longo do tempo e influenciam o modo como os relacionamentos afetivos se estruturam durante a fase adulta.

Diante destes apontamentos, perceber-se que as características das relações amorosas vivenciadas durante a adolescência dependem do modo como os sujeitos entendem e conceituam seus principais atuantes, tais como as regras das práticas amorosas e o ciúme. Tendo em conta os apontamentos realizados, este estudo objetivou trabalhar, com um grupo de adolescentes estudantes do ensino médio, as concepções e os significados atribuídos aos relacionamentos amorosos e ao papel do ciúme nessas relações.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa-ação, a qual se refere a um modo de pesquisa interpretativa que engloba um trabalho metodológico empírico. Para se realizar uma pesquisa-ação é preciso que a ação esteja vinculada a questões comunicativas e emerjam do coletivo e se dirijam também para ele. Ainda é necessário que as ações conduzam a entendimentos, por meio de um saber compartilhado. Por fim, a pesquisa-ação deve permitir momentos de reflexão e formação (FRANCO & AMELIA, 2005).

Este estudo foi realizado num Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia e foi organizado por uma equipe que contava com professor de biologia, técnico em assuntos educacionais – com formação em licenciatura e psicologia – e um aluno do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. O projeto foi desenvolvido a partir de demandas e questionamentos apresentados em sala de aula na própria escola e percebido pelo professor de biologia, pois comumente os alunos o abordavam para falar de assuntos sobre relacionamentos afetivos e sexualidade.

Com isso, foi elaborado um projeto intitulado “Corpo e prazer: sexualidade feminina na adolescência” com a proposta de desenvolver oficinas de reflexão com um grupo de meninas matriculadas nos cursos técnicos integrados ao ensino médio.

Para a formação do grupo, foi feita uma divulgação em todas as salas de aula em que o projeto foi apresentado, as dúvidas sanadas e as alunas que se interessarem deveriam fazer uma inscrição no núcleo de apoio pedagógico do ensino médio. Com as inscrições realizadas, os encontros foram agendados.

As integrantes do grupo, sujeitos do presente estudo, eram um total de 12 alunas do ensino médio, todas do sexo feminino. Suas idades variavam de 14 a 19 anos. Os temas abordados ao longo do processo de coleta de dados, sugeridos pelas próprias adolescentes, foram: conhecimento do corpo humano, com foco nos sistemas reprodutores femininos e masculinos, sexualidade, métodos contraceptivos, aborto, relacionamentos amorosos e ciúmes. Todavia, neste manuscrito, serão apresentados os resultados das duas oficinas referentes às discussões sobre relacionamentos amorosos e ciúmes.

Tais oficinas foram iniciadas com a leitura de textos que abordavam as temáticas sugeridas previamente pelo grupo. Desse modo, os textos utilizados foram “Quero” de autoria de Carlos Drummond de Andrade (ANDRADE, 1987) e “Ciúme”, escrito por Luis Fernando Veríssimo (VERÍSSIMO, 2013). Após a leitura, abria-se espaço para as integrantes se expressarem oralmente. Ao final dos encontros, solicitou-se que as adolescentes escrevessem um texto livre que abordasse a discussão que acabara de ocorrer. Os pesquisadores participaram das discussões apontando as questões contraditórias e investigando a presença de diferenças de posicionamentos frente aos temas discutidos. As discussões permitiram a compreensão das concepções das adolescentes no que se refere aos relacionamentos amorosos e ao ciúme.

Os dados das oficinas foram coletados por meio de registros de campos realizado a partir da percepção dos pesquisadores. Também foi possível obter dados com base nos textos escritos pelas integrantes do grupo.

A análise dos dados foi feita utilizando-se o método de análise temática do conteúdo. Segundo Bardin (1977), essa metodologia diz respeito a um conjunto de técnicas que tem o objetivo de analisar as comunicações, lançando mão de procedimentos sistemáticos de descrição do conteúdo da mensagem e de inferências, as quais se tratam de vincular conteúdos através de alguma forma de teoria. Vale ressaltar que são tratados tanto os conteúdos manifestos quanto os latentes e que é preciso evitar extremismos, seja pela ponta da objetividade ou da subjetividade. Ainda é possível apontar que é necessário considerar o

contexto social e histórico sob o qual os discursos foram produzidos (Campos, 2004).

Para o tratamento dos dados, foram seguidas as seguintes fases da análise de conteúdo: 1) Fase de pré-exploração do material ou de leituras flutuantes; 2) Seleção das unidades de análise; 3) Processo de categorização e sub-categorização. Desse modo, os dados primeiramente foram lidos de maneira mais livre, sem a preocupação de sistematização das informações, o que permite transcender a mensagens explícitas e perceber indícios não óbvios. Na segunda fase, foram identificados os temas, tendo como unidade de análise sentenças, frases ou parágrafos das comunicações registradas. E por fim, essas unidades foram divididas em categorias com significados relevantes e que serão apresentados nos resultados.

Resultados e discussão

Considerando que adolescência é um período com características bastante distintas das outras fases do desenvolvimento, mas que ainda assim há maneiras peculiares de cada indivíduo vivenciar este período, foi possível perceber que as jovens participantes deste estudo apresentaram, em certos momentos, controvérsias quanto às concepções de relacionamentos amorosos e ciúmes. Tais divergências podem ser explicadas também pelo fato de que a construção de conceitos ocorre com base nos aspectos sociais e históricos daquele que o elabora.

No primeiro encontro, objeto do presente estudo, foi discutido o poema “Quero” de Carlos Drummond de Andrade. No poema, o eu lírico solicita que a amada fale a todo momento que o ama, pois, caso contrário, ele não saberá se é amado. Ainda, se não houver tal repetição, o sujeito não será amado e o caos o invadirá, como pode ser lido no trecho a seguir (ANDRADE, 1987, s/p):

“(...) No momento em que não me dizes:

*Eu te amo,
inexoravelmente sei
que deixaste de amar-me,
que nunca me amastes antes.*

*Se não me disseres urgente repetido
Eu te amoamoamoamoamo,
verdade fulminante que acabas de desentranhar,
eu me precipito no caos,
essa coleção de objetos de não-amor”*

Durante a discussão, as meninas falaram que a relação relatada no poema não se trata de amor. Afirmaram ainda que o texto fala de um relacionamento *sufocante, enjoativo e doentio* (termos usados por várias participantes). Segundo as adolescentes, um namoro nesses moldes não faz bem para as pessoas da relação e compromete os demais relacionamentos interpessoais, os sujeitos passam a viver em função do namoro ou namorado e acabam se distanciando dos outros. Ao falarem de tal situação, algumas adolescentes apresentaram casos de familiares que por estarem em relações sufocantes, se isolaram.

Nesse momento foi possível perceber que as jovens não aprovam uma relação considerada sufocante. As meninas parecem apontar para a necessidade de um espaço no relacionamento para vivenciar suas particularidades, não devendo estar sempre vivendo para o namoro somente. Essa constatação está de acordo com os achados de Oliveira, Assis, Njaine e Pires (2016) que identificaram que os jovens não concordam com relacionamentos amorosos abusivos, principalmente aqueles permeados por comportamentos agressivos, pois segundo os sujeitos a violência não é a melhor maneira de resolver conflitos e divergências no namoro.

Também foi possível perceber que o contato com relacionamentos sufocantes vivenciados por familiares acaba por influenciar a percepção das jovens. Os relatos sugerem que o enfrentamento de situações em que pessoas do convívio acabam se distanciando por conta de relacionamentos levaram as participantes a avaliar como negativa esse modo de constituição das relações. Tal fato aponta para a ideia de que a construção dos conceitos e dos juízos estão intimamente ligados ao modo como as relações de pessoas com vínculos afetivos afetam os sujeitos. Assim, como as relações dos familiares levaram prejuízos para as jovens, estas passaram a avaliar esses relacionamentos como negativos e não desejados para suas próprias experiências.

No segundo encontro, o texto trabalhado foi “Ciúme” de Luis Fernando Veríssimo. O autor relata a história de um casal que usa do ciúme para manter o relacionamento e da violência para lidar com o ciúme. Após a leitura do texto, as participantes iniciaram o debate, em que o primeiro tema abordado foi se tais comportamentos são demonstrações de amor ou não. Nesse momento, houve a divisão de dois subgrupos, sendo um formado por aquelas que acreditavam não se tratar de amor e o outro que conceituava tais ações como relacionadas ao amor.

Esse primeiro subgrupo relatou que o namoro apresentado por Veríssimo se trata de uma relação adoecida. De acordo com as jovens os excessos de

insegurança e baixa autoestima podem ser os responsáveis por tais atitudes e que o amor ou fica em segundo plano ou nem sequer aparece na relação. Ainda sobre os atos de violência, as meninas disseram que amor não combina com estas ações. Relataram que se há conflitos, há outras maneiras de resolvê-los, como o diálogo.

O outro subgrupo acredita que o ciúme é demonstração de amor, pois sinaliza preocupação com a outra pessoa e teme perdê-la. As meninas relatam que se não há ciúme, não há amor e que quanto mais ciúme, mais intenso é o sentimento de amor. Sobre os atos de violência, as jovens apontaram como algo ruim, porém diante a possibilidade de traição ou algo do tipo, a perda de controle sobre os atos se justifica. Tal posicionamento está em consonância com os resultados da pesquisa de Oliveira, Assis, Njaine e Pires (2016). Na referida pesquisa, os sujeitos também apontaram que o ciúme a infidelidade legitimam e justificam os comportamentos agressivos entre o casal de namorados.

Outro ponto de divergência entre esses dois subgrupos foi sobre o ciúme e sua relação com o medo da perda. Todas as participantes fizeram esta relação, apontando que o ciúme é a demonstração de um medo de que o outro da relação vá embora. Entretanto, um subgrupo acredita que é preciso entender que se a outra pessoa não quer mais manter o relacionamento o melhor é, mesmo não concordando, aceitar, conforme é possível ler num dos escritos das participantes:

“Acho que seja lá qual for a perda, a pessoa nunca vai estar preparada pra isso, porque é algo que você não espera (...). É necessário sempre termos a consciência de que nada é pra sempre, tudo um dia acaba, por mais difícil que seja aceitar isso” (S₂).

Também defendendo a ideia do primeiro subgrupo, outra jovem relatou o seguinte:

“por mais que estejamos ou formos conscientes, é muito ruim perder alguém, uma dor que parece que não vai passar. Tem a questão de querer prender o próximo, mesmo ele querendo partir, às vezes é necessário para os dois. Não é porque algo acabou que você não será feliz com outra pessoa ou até mesmo sozinha” (S₃).

Já o outro subgrupo diz que lidar com a perda é muito difícil, que não é possível estar preparado para isso acontecer. Logo, diversas ações, como o caso do texto que foi inventar uma história para a pessoa ficar, é passível de acontecer com qualquer pessoa, pois não se pode prever como será a reação frente a possibilidade de perder alguém com vínculo afetivo. Uma das participantes relatou o quanto é doloroso se sentir sozinha:

“só de pensar fico estressada (...) tenho medo de que algum dia eu fique sem ninguém para me ajudar, aconselhar, entender, me dar carinho” (S4).

Nessa fala é possível identificar que as relações amorosas podem ser encaradas como possíveis de alojar o mal-estar social no laço social. Encerado o namoro, há a sensação de que sentimentos de solidão e abandono serão presentes na vida das adolescentes.

Percebe-se diante destas divergências que o modo como as adolescentes conceituam o ciúme e principalmente os fatores que lhe estão associados. Entretanto há um consenso quanto à relação com o medo de perder, que está de acordo com o que aponta Freud (1922/1996). Ainda pode-se notar que nas falas das jovens o sentimento de ciúmes também, como relata Freud (1922/1996), está ligado a uma ferida narcísica, pois uma parte do sujeito, satisfeita pelo investimento no parceiro perdeu-se com o término do namoro. Assim, as pessoas podem ser invadidas pelo sentimento da solidão.

Conclusão

Com o objetivo de compreender as concepções de adolescentes estudantes do ensino médio sobre o relacionamentos amorosos e ciúmes foram apresentados trechos dos debates que ocorreram em encontros de um grupo de meninas participantes do projeto nomeado “Corpo e prazer: sexualidade feminina na adolescência”.

Foi possível perceber que as jovens apresentam visões parecidas em alguns aspectos e divergentes em outro. Tal fato nos mostra que por mais que a adolescência seja marcada por características bastante peculiares, é possível que as meninas apresentem comportamentos e pensamentos divergentes devido à influência dos fatores sociais e históricos. Desse modo, torna-se evidente a importância de se dar voz aos adolescentes,

fazendo com que suas individualidades apareçam, inclusive no ambiente escolar.

Sobre os relacionamentos amorosos, o grupo considerou que namoros sufocantes são nocivos aos sujeitos e devem ser evitados. As meninas apresentaram as consequências negativas dessas relações, como por exemplo o isolamento social.

Entretanto, quando o assunto foi ciúme, houve divergências. Embora o grupo todo considere o ciúme consequência do sentimento de insegurança e do medo da perda. Porém parte das adolescentes acredita que é preciso entender que quando o namoro está chegando ao fim é importante deixar o outro da relação ir embora, pois é possível ser feliz, mesmo com a dificuldade de lidar com a perda. Já outra parte das meninas acreditam que aceitar a partida do outro é algo muito difícil de lidar e todo tipo de ação para que o namoro continue pode acontecer, devido à dificuldade saber como se reagirá frente a ameaça de perda do parceiro.

Discutir tais questões se torna importante, pois é preciso problematizar o modo como as adolescentes se posicionam nas relações. É a partir de debates como esses que se inicia a construção de modos de se relacionar que escapem às normas tradicionais e que primam pela submissão nas relações e pelo medo de ficar sozinha.

Referências

ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artmed, 1981.

ANDRADE, C. D. Quero. In: _____. **Nova reunião**: 19 livros de poesia. J. Olympio, 1987.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70; 1977.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, 1990.

CAMPOS, C. J. G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 57, n. 5, 2004.

CHAVES, J. C. Os amores e o ordenamento das práticas amorosas no Brasil da belle époque. **Análise social**, v. 41, 2006.

CHAVES, J. C. “A palestra é sobre o quê?” – falando para/com jovens sobre relacionamentos amorosos. In: L. R. Castro & V. L. Bessets (Org.) **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: NAU/PAPERJ. 2008.

CHAVES, J. C. As percepções de jovens sobre os relacionamentos amorosos na atualidade. **Psicologia em revista**, v. 16, n. 1, 2010.

CHAVES, J. C. Práticas afetivo-sexuais juvenis: entre a superficialidade e o aprofundamento amoroso. **Psicologia e Sociedade**, v. 28, n. 2, 2016

FRANCO, S.; AMELIA, M. Pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e pesquisa**. v. 31, n. 3, 2005.

FREDA, H. et al. O adolescente freudiano. In: H. Caldas & V. Pollo. **Adolescência: o despertar**, Rio de Janeiro: Kalimeros, p. 21-30, 1996.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, 1905. In: _____. **Um caso de histeria e Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 163-195. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).

FREUD, S. Conferência XXI: o desenvolvimento da libido e as organizações sexuais, 1917. In: _____. **Conferências introdutórias sobre psicanálise (continuação)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 325-342. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 16).

FREUD, S. Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e no homossexualismo, 1922. In: _____. **Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.237-250. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

MARAZZITI, D. et al. Normal and obsessional jealousy: a study of a population of young adults. **European Psychiatry**, v. 18, n. 3, p. 106-111, 2003.

MARTÍN, V. R; SÁNCHEZ, C. S.; GONZÁLEZ, D. S. Creencias de adolescentes y jóvenes en torno a la violencia de género y las relaciones de pareja. **Portularia**, v. 6, n. 2, 2006.

NASCIMENTO, F. S.; CORDEIRO, R. L. M. A violência nas relações entre casais de namorados. **Fazendo gênero 8 – corpo, violência e poder**, v. 8, 2008.

OLIVEIRA, Q. B. M.; DE ASSIS, S. G.; NJAINE, K.; PIRES, T. O. Namoro na adolescência no Brasil: circularidade da violência psicológica nos diferentes contextos relacionais. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 3, 2016.

RUFFINO, R. Adolescência: notas em torno de um impasse. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, v. 5, n. 11, p. 41-46, 1995.

SANTOS, C.; MELO, M. Ciúme nas relações amorosas de adolescentes: Questões de género e orientação sexual. In A. Pereira, M. Calheiros, P. Vagos, I. Direito, S. Monteiro, C. Fernandes da Silva, & A. Allen Gomes (orgs.), **Livro de Atas do VIII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia** (pp. 247 - 256). Aveiro: Associação Portuguesa de Psicologia. 2013.

STEVENS, A. Adolescência, sintoma da puberdade. **Curinga**, v. 20, p. 27-39, 2004.

VERISSIMO, L. F. **Ciúmes**. 2013. Disponível em <http://cultura.estadao.com.br/noticias/gerais/ciumes-imp-,1095190>. Acesso em 15 de jul de 2017.